

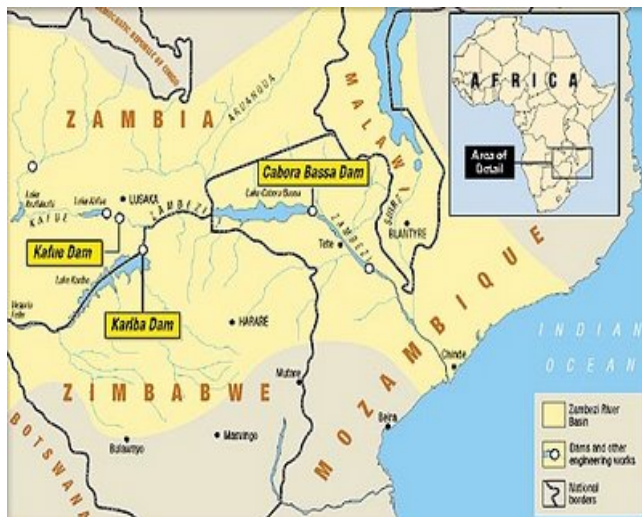
Liliane, o pequeno notável

Ainda é possível apreciar os *Agapornis Liliane* (ou *Lilianae*), voando em bandos, nas proximidades de rios africanos como o Zambezi, depois de uma manobra acrobática, instantaneamente se tornam invisíveis ao pousarem nas árvores ciliares, mas certos da sua alegre presença graças aos sons emitidos, após a euforia da chegada, observando bem os arredores, mergulham para a margem e prudentemente se chegam à água, depois de alguns goles, vem a festa do banho e as revoadas. Esta cena e tantas outras maravilhosas se dá no Sul da Tanzânia, Noroeste de Moçambique, Sul de Malawi, Sudeste da Zâmbia até Zimbabwe.



Rio Zambezi

Claro que apreciar este espetáculo é um privilégio de poucos, são eles os nativos e eventualmente intrépidos pesquisadores. No entanto é uma alegria para muitos em toda terra saber, que essas graciosas e delicadas aves, estão presentes em seu habitat, ainda que perdendo espaço para a expansão da população humana.



Por outro lado, graças aos grandes esforços realizados por exploradores nos século 19, pesquisadores e amantes das aves tornaram-nas, acessíveis às pessoas sua beleza e o encanto da sua presença. Os primeiros exemplares foram importados pela Inglaterra em 1926, e o sucesso da reprodução junto ao convívio humano, proporcionando a disseminação por praticamente todo o planeta se deu graças a Lilian Slater, irmã do famoso ornitólogo W.L Slater, primeira a criá-los, razão pela qual foram denominados Lilianes.

Eles foram descobertos em 1864, curiosamente pensava-se tratar de subespécie dos *Personatas* mas, em 1894 Shelley os classificou como uma espécie diferente.

Essa ave tem como característica a delicadeza em suas formas, tendo os seus membros bem menores em relação as outras espécies, como o bico, pés e demais, enfim como um todo a sua principal identificação está no seu porte diminuto, sua dimensão deve estar bem próximo dos 13 cm. Suas cores são intensas onde o verde do corpo se contrasta maravilhosamente com um o tom laranja avermelhado, do babador , face e cabeça até o início da nuca (denominado máscara).

No entanto essa belíssima ave, como Deus a criou, vem sofrendo um processo de “ mistura “, perdendo assim suas características originais, o que chamamos de” padrão selvagem” pois, muitos criadores as cruzaram com espécies diferentes. Este é um problema sério nos agapornis conhecidos como de aro branco (auréola branca ao redor dos olhos) sendo estes, Personatas, Fischeri, Nigrigenis e o Lilianes, os quais permitiu-se cruzamentos entre eles. Inclusive há relatos que isto vem ocorrendo também na natureza, em função da redução do habitat.

Os Roseicollis não tem esse problema porque os filhotes provenientes de eventuais cruzamentos com outra espécie, originam filhotes praticamente estéreis (híbridos conhecidos como” mulas”).

Creemos que esta seja a principal dificuldade na criação de agapornis de aro branco, pois embora na maioria dos casos os acasalamentos desaconselháveis são permitidos de maneira inconsciente .

Embora seja plenamente visível, quando uma ave tem “sangue” de outra espécie, no entanto para essa identificação exige-se conhecimento técnico. Outros criadores o fazem de maneira consciente não se importando e alguns casos até achando que é mérito, como é o caso “persofischeri” (mistura de Personata com Fischeri). Essa triste realidade pode ser vista em qualquer Pet Shop.

Em outros países, EUA, Austrália e principalmente na Europa (Bélgica, Holanda, Dinamarca, Alemanha), o “padrão selvagem”, é mantido na grande maioria dos criadores, inclusive na mutações.

Com relação aos Lilianes no Brasil, infelizmente são raros as aves com características originais, no entanto existem criadores, principalmente no sul do país, que estão se aprofundando no trabalho de resgatar geneticamente esta espécie, e os resultados tem sido animadores, já estão surgindo aves dentro do padrão original da espécie. E indo mais além, desenvolvendo transmutações, existem trabalhos sérios em andamento nos fatores escuros, jade, oliva e num futuro próximo poderemos apreciar Lilianes, violetas, azul cobalto diluído, golden, silver e belíssimo arlequins. Tornando o encanto de suas formas e características, sob outras cores e combinações, algo fascinante.

Para se conhecer um bom exemplar desta bela ave, não é difícil basta parar e com calma observar atentamente os detalhes de seus membros (literalmente dos pés, unhas a cabeça), sua forma e a distribuição das cores, pois ela tem peculiaridades bem visíveis, se atentarmos aos detalhes principalmente na região da face e cabeça pode-se detectar se há “sangue” de outra espécie, descreveremos alguns aspectos mais evidentes, onde rapidamente se pode ter um parecer.

Além do tamanho pequeno em relação a outras espécies, em torno de 13 cm, devemos observar o bico, pois este necessariamente deverá ter duas cores, ou seja na base (junto a testa) ele é bem mais claro (branco marfim) e todo o restante é vermelho ;outro detalhe fácil de detectar é no olho, é o chamado “olho de cobra” , a qual é a íris castanho escuro (no centro) contrastando com a esclerótica (ao redor) castanho claro. A máscara deve ser um laranja avermelhado, que vai do babador até parte posterior da cabeça (tomando toda a superfície plana da cabeça) sem infiltrações de penugens cinzas principalmente nas imediações abaixo e laterais ao bico, seu houver indica “sangue” de

Nigrigenis ou Personata; o pés e unhas devem ser claros um tom cinza róseo. Uma outra evidência está região do uropígio (parte posterior do dorso, no início da cauda) que deverá ser da mesma cor do dorso da ave (homogêneo), se tiver a presença de tons azulados, significa a mistura (com Fischeri e / ou Personata). Salientamos que se faltar qualquer uma dessas descrições, embora tendo outras, constata-se que se trata de ave com “mistura” genética, e a desqualifica como padrão original.



Portanto aos amantes das aves, temos aqui uma bela oportunidade de realização dentro da ornitologia, a qual é buscar reaver as características naturais o “padrão Selvagem” dos agapornis no Brasil, pois além do aspecto genético, sem dúvida esteticamente é o mais belo e harmonioso. E as ferramentas para isto são “ a busca do conhecimento e a perseverança”.

Sobretudo para o grupo de agapornis Lilianes, fica o bom desafio aos criadores de dar continuidade não só a presença dessa belíssima espécie em nosso país, mas também ao processo de melhoramento genético, buscando o padrão selvagem, pois hoje na imensa maioria dos casos, apesar de serem chamados de Agapornis Liliane, na verdade não o são. Mas com o desenvolvimento do interesse em conhecer melhor essa ave busca-se o conhecimento, o qual é a base para escolha de boas matrizes e assim promover os acasalamentos adequados, cremos que este é o caminho para voltarem a serem os verdadeiros pequenos notáveis.

Joinville, maio de 2010

Wilson Silva Gomes

Presidente da FOC – Federação Ornitológica Catarinense.

Presidente da AJO – Associação Joinvilense de Ornitologia

Campeão Brasileiro do Grupo – Agapornis Liliane - 2010